



ADQUISICIÓN DE LA ESCRITURA EN NIÑOS SORDOS, DESDE LA EDUCACIÓN INFANTIL

Tânia dos Santos Alvarez da Silva*, **Maria Augusta Bolsanello **** y **Julio Pérez-López *****

Universidad Estadual de Maringá - Brasil*, Universidad Federal do Paraná – Brasil**
y Universidad de Murcia - España***

RESUMEN

Los estudios de Alexander Romanovich **Luria** sobre la adquisición de la escritura en niños oyentes fundamentan esta investigación, que tiene como objetivo verificar el proceso de adquisición de la escritura en niños sordos que utilizan la Lengua Brasileña de Signos (LIBRAS). Concretamente, con esta investigación, se trata de comparar si el proceso de adquisición de la escritura efectuado por el niño oyente, usuario de la lengua oral, coincide con el proceso seguido por el niño sordo, usuario de LIBRAS. Los datos fueron tomados en la ciudad de Maringá del Estado Federal do Paraná, en Brasil, con una muestra de seis niños con sordera prelingüística, de edades comprendidas entre cuatro y siete años. La recogida de datos fue realizada en dos etapas, con un intervalo de un año y dos meses entre ellas, y fue desarrollada por medio de análisis de las pruebas de escritura hechas por los niños. Los resultados revelan que los niños sordos que organizan sus pensamientos por medio de una lengua visuo-espacial, formulan hipótesis de la representación escrita de modo distinto a las hipótesis establecidas por los niños normo oyentes.

Descriptores: *niños con sordera; adquisición de la escritura; lengua de signos; educación infantil; educación especial.*

ABSTRACT

Alexander Romanovich **Luria's** studies concerning hearing children writing skills acquiring has supported the present research wich focussed on verifying the writing skills acquiring proccess of deaf children users of Brazilian sign language (LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais). The research especifically aimed at verifying if the writing skills acquiring process taken by hearing children, oral language users is similar to the process taken by deaf children, LIBRAS users. The data were collected in the city of Maringá, Paraná, Brazil, out of a six pre-lingual deaf children aged from four to seven years old. Data collection occured in two phases within a two months interval and was developped through analising children attempts of writing. The results reveals that deaf children organize their thoughts by a spacial-visual thought and formulate hypothesis about written representation in a whole different way from the ones taken by hearing ang talking children.

Keywords: *deaf children, early childhood education, sign language, special education, writing skills acquiring.*



ADQUISICIÓN DE LA ESCRITURA EN NIÑOS SORDOS, DESDE LA EDUCACIÓN INFANTIL

INTRODUÇÃO

O presente estudo teve por objetivo acompanhar o processo inicial de aquisição da escrita por crianças surdas, desde a educação infantil, com a finalidade de identificar as especificidades desse período.

A condução dessa investigação foi alicerçada nas pesquisas do neuropsicólogo russo, Alexander Romanovich Luria sobre a aquisição da escrita em crianças ouvintes. Em suas pesquisas sobre a gênese da escrita, o autor empreendeu esforços para verificar como a criança se apropria da escrita como instrumento simbólico. Suas contribuições foram fundamentais para a condução desta pesquisa sistematizada, sobre o desabrochar da função simbólica no desenvolvimento da escrita da criança surda.

A língua escrita é um recurso semiótico capaz de impulsionar positivamente o desenvolvimento do pensamento, motivo pelo qual é imprescindível para o registro, sistematização e armazenamento de idéias, valores, conceitos, formas de ser e agir. É também um canal aberto ao conhecimento por meio da prática da leitura. Levar a termo uma proposta educacional que não consegue tornar os aprendizes surdos competentes no manejo da leitura e da escrita é impor-lhes uma condição desvantajosa em relação aos educandos ouvintes.

Sobre a importância do aprendizado da escrita já nos anos iniciais de escolarização, Vygotsky (2001, p. 332), afirma: “[...] a experiência mundial demonstrou que a aprendizagem da escrita é uma das matérias mais importantes da aprendizagem escolar em pleno início da escola, que ela desencadeia para a vida o desenvolvimento de todas as funções que ainda não amadureceram na criança”. As observações de Vygotsky suscitam reflexões sobre as relações que se estabelecem entre o surdo e a escrita. Como todas as pessoas que convivem em uma cultura letrada, o sujeito surdo necessita da escrita como ferramenta do pensamento. A representação por meio da escrita alfabética de conteúdos pensados em língua de sinais, bem como a leitura e a compreensão em sinais, de conteúdos registrados em português escrito, exige do surdo o uso de recursos sofisticados de suas funções cognitivas. Isso porque ele necessita transitar simultaneamente por duas modalidades lingüísticas de bases distintas – uma de natureza oral-auditiva e uma de natureza visual-espacial (Fernandez, 2003).

Na perspectiva filosófica bilíngüe, amplamente adotada na educação dos surdos na atualidade, a orientação predominante é a de que a segunda língua da criança surda usuária de língua de sinais seja alcançada pelo menos na modalidade escrita, já que as dificuldades de parcela expressiva da comunidade surda com a oralidade são amplamente conhecidas (Freire, 1999; Costa, 2003).

A relação entre a escrita e a oralidade/sonoridade que a criança ouvinte estabelece já nos primeiros passos rumo à apropriação da leitura e da escrita permite supor que o percurso intelectual da criança surda para alcançar a compreensão e domínio da escrita alfabética não pode ser o mesmo da ouvinte.

Autores respaldados em pesquisas da neuropsicologia cognitiva sugerem a adoção de um sistema próprio para a representação gráfica das línguas de modalidade espaço-visual o qual precederia o aprendizado do português escrito, ficando este como a segunda língua escrita a ser perseguida (Stumpf, 2003, 2004).

A publicação do “Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira (Capovilla & Raphael, 2001), que registrou em *sign writing* os sinais da LIBRAS, possibilitou à comunidade surda brasileira vislumbrar a superação da condição ágrafa dessa língua.

Ora, se é notória a complexidade da tarefa de representar pela escrita uma idéia ou informação pensada ou ouvida em linguagem oral, o que se pode dizer da tarefa de pensar ou receber a informação em uma língua espaço-visual e representar essa idéia ou informação em português escrito? A língua de sinais é concisa (por sua estrutura que prescinde, dentre outros elementos, da flexão verbal, preposições, artigos). Em contrapartida, o português, sobretudo na modalidade escrita compõe-se de sentenças formadas por diversos elementos gramaticais. Essa diferença estrutural entre as línguas é um dos fatores que distanciam e ao mesmo tempo dificultam o domínio da língua escrita pelo surdo. A escrita requer do escritor um nível de precisão que só pode ser alcançado pelo uso adequado dos recursos normativos da língua escrita.



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES. CALIDAD DE VIDA Y SOCIEDAD ACTUAL

Se o objetivo é que o surdo tenha na linguagem escrita sua forma de compreensão e expressão da segunda língua é preciso enfrentar o desafio de buscar condições para que a linguagem escrita seja aprendida de forma a permitir ao surdo servir-se dessa modalidade lingüística com a competência necessária ao manejo de uma segunda língua (Sánchez, 1999).

Há indícios de que o percurso para se chegar ao domínio da escrita não é o mesmo para crianças surdas e ouvintes. Em razão da privação sensorial auditiva, a criança surda não possui recursos para estabelecer uma relação significativa entre o som e sua representação escrita, portanto fica impedida de conquistar a escrita pela rota fonológica.

Dessa forma esse estudo se propôs a compreender o processo evolutivo da criança surda, usuária e aprendiz da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em seu aprendizado da língua escrita.

MÉTODO

A amostra foi composta por seis crianças surdas que na primeira coleta de dados situavam-se na faixa etária de quatro a seis anos e estavam matriculadas na educação infantil de uma escola especial para alunos surdos. A escolha de crianças da educação infantil para a composição inicial da amostra, ou seja, para a coleta de dados referente ao mês de dezembro de 2006, aconteceu em razão da idade do grupo e do conseqüente nível de desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita freqüentemente manifestado por crianças que ainda não ingressaram no ensino fundamental. Importante destacar que as referidas crianças ainda não dominavam o sistema de escrita. A faixa etária selecionada foi, também, intencionalmente semelhante à dos sujeitos investigados por Luria, em suas pesquisas acerca da gênese da escrita infantil. As crianças selecionadas para composição inicial da amostra permaneceram como participantes da pesquisa até a conclusão da coleta dos dados empíricos, que ocorreu um ano e dois meses após a primeira coleta de dados, ou seja, em fevereiro de 2008.

Na primeira coleta de dados solicitou-se aos participantes que registrassem pela escrita, sentenças que lhes foram apresentadas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). As tentativas de escrita, resultantes da tarefa solicitada, compuseram o material de análise deste estudo. Para proceder à coleta de dados foram organizadas sentenças para registro escrito. Na composição e apresentação das sentenças buscou-se adotar o modelo empregado por Luria em sua pesquisa acerca da aquisição da escrita por crianças ouvintes.

A definição da forma de apresentar as sentenças em LIBRAS resultou de um trabalho coletivo entre educadores surdos fluentes na referida língua, que estabeleceram os sinais a serem empregados e a seqüência a ser obedecida. Buscou-se, nesse trabalho de composição e padronização das sentenças em LIBRAS, tornar a interpretação do português escrito suficientemente clara para as crianças. A necessidade da definição de um padrão único para apresentar as sentenças em LIBRAS foi percebida como estratégia para assegurar uma análise coerente das representações escritas em segunda língua.

Durante a coleta de dados, foram realizadas sessões individuais de tentativas de escrita com os participantes da pesquisa. As sentenças em LIBRAS foram apresentadas aos alunos por uma educadora surda. A criança e a educadora surda se posicionaram frente a frente em uma mesa. Após a apresentação em LIBRAS de cada uma das sentenças, a criança passava a registrar o conteúdo ditado, sabendo, antecipadamente, que precisaria lembrar-se dele em momento posterior.

De forma semelhante ao que fez Luria (1998), após entregar à criança lápis e papel a educadora surda explicava a cada uma delas que quando se registra algo por escrito é possível, em momento posterior, recorrer ao registro para recordar o que foi escrito. Em seguida, ditava, em LIBRAS, uma sentença e pedia à criança que a registrasse, de tal forma que pudesse mais tarde se lembrar dela. Também, a exemplo do que fez Luria em sua pesquisa, a segunda solicitação feita à criança foi que ela lesse o que escrevera. Após um intervalo mínimo de vinte e quatro horas a criança era solicitada a ler novamente o material que havia produzido no dia anterior.



ADQUISICIÓN DE LA ESCRITURA EN NIÑOS SORDOS, DESDE LA EDUCACIÓN INFANTIL

Na coleta de dados realizada em fevereiro de 2008, além da atividade de registrar por escrito sentenças apresentadas em LIBRAS, foi incluída a solicitação para que as crianças registrassem pela escrita sentenças apresentadas oralmente. A solicitação de registro de sentenças oralmente apresentadas não constava do protocolo inicial de pesquisa. A inclusão dessa etapa resultou da necessidade de elucidar um questionamento surgido durante a coleta de dados. Tal questionamento consistia em saber se a criança surda que registra pictograficamente sentenças a ela apresentadas em LIBRAS pode alterar a forma de seu registro, mediante a apresentação de sentenças pela oralidade.

Assim, por meio da LIBRAS, a criança era informada de que sentenças lidas seriam apresentadas oralmente e que elas deveriam ser registradas por escrito para posterior leitura. A partir desses esclarecimentos uma educadora ouvinte apresentava, por meio do português oral, as sentenças selecionadas. Em seguida, a sentença era traduzida para a LIBRAS, a fim de que a criança conhecesse o seu conteúdo. Após o registro das duas sentenças a criança era convidada a ler sua produção escrita.

Adotou-se nesta pesquisa o emprego de videogravação, como sugeriu Marcuschi (2001). Os dados coletados englobam tanto as imagens registradas como o material escrito produzido pelos participantes da pesquisa.

RESULTADOS

As produções das crianças que participaram da investigação foram analisadas com vistas a uma reflexão acerca do movimento intelectual da criança surda desde as raízes do processo de significação da escrita até o domínio desse sistema.

A análise do material produzido pelos participantes da pesquisa permitiu a apreensão de quatro características fundamentais que marcam a primitiva forma de representação escrita pela criança surda. Essas marcas não correspondem exatamente a estágios lineares do processo evolutivo da escrita da criança surda, já que em algumas produções coletadas é possível visualizar a presença de marcas de nível de complexidade elementar, co-existindo com marcas de nível superior de complexidade. Não se tem a pretensão, nos limites desse estudo, de apresentar essas características como descrição de estágios sucessivos da escrita de crianças surdas. Mas, é importante considerar que as marcas são descritas em função do nível crescente de complexidade que se manifesta ao longo do processo de aquisição da escrita pela criança surda. Dessa forma, a primeira característica apontada é mais elementar que a segunda e assim sucessivamente. De forma semelhante, a última característica descrita corresponde a uma elaboração mais sofisticada, bem como de uma compreensão mais avançada do sistema de escrita, alcançado pela criança surda em seu processo inicial de aquisição da escrita.

Primeira característica: Rabiscção e emprego de formas gráficas indefinidas sem função instrumental. Em termos funcionais, essa rabiscção corresponde ao que Luria identificou como fase da pré-escrita. Na criança surda, no entanto, essa escrita pré-instrumental se diferencia da imitação da forma gráfica da escrita alfabética (zigzagues, traços verticais e horizontais). Parece mais presa à forma do objeto. Apresenta-se como um ensaio da manifestação do desenho ou ainda, como uma manifestação primitiva do ato de desenhar.

A criança surda parece não fazer a mesma "leitura" do comportamento motor do adulto que escreve. A única forma de escrita imitativa encontrada em crianças participantes da pesquisa foi o emprego indiscriminado de letras do alfabeto convencional para o registro de sentenças. Essa manifestação, contudo, esteve restrita a dois alunos da amostra. Na coleta realizada em 2006, um dos participantes apresentou esse padrão em uma de suas produções. Em fevereiro de 2008 foi outro participante que empregou letras do alfabeto convencional sem que essas apresentassem valor instrumental. O emprego de formas gráficas indefinidas apresenta-se como um grafismo superior à rabiscção. Tais formas gráficas indefinidas são produzidas por meio de um traçado seguro que se parece a formas geométricas,



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES. CALIDAD DE VIDA Y SOCIEDAD ACTUAL

linhas retas e curvas. Na maior parte das vezes, no entanto, o emprego de tais formas não conduz a criança à recuperação do conteúdo de seu registro.

Segunda característica: Escrita pictográfica ligada à representação do real. A criança registra pelo desenho partes da sentença que foi ditada. Marcadamente desenha o objeto correspondente às palavras principais da sentença, ou seja, aquelas que facilitam a evocação do conteúdo da sentença. Quando lhe é ditada a sentença, a criança procura registrar uma cópia da imagem de alguns objetos que a remetem às palavras componentes da oração. A escrita pictográfica da criança surda evolui rapidamente para uma escrita pictográfica de caráter mais esquemático, na qual a perfeição da forma é substituída pela objetividade da idéia que se pretende registrar.

A escrita pictográfica com função instrumental foi identificada por Luria em crianças ouvintes, mas segundo o autor, o acesso ao ensino sistematizado do sistema alfabético conduziria a criança a abandonar a forma pictográfica de registro. Com as crianças surdas não é isso o que se observa. Desde os primeiros dados coletados chamava a atenção o fato de a criança surda em suas manifestações espontâneas de escrita, ser notadamente mais pictográfica que a criança ouvinte. Suas manifestações escritas tipicamente pictográficas são abundantes, elaboradas, e perduram por tempo muito superior ao que se observa em crianças ouvintes. Exemplo disso é um dos participantes da pesquisa que em 2008, cursando a segunda série do ensino fundamental, recorreu freqüentemente à representação pictográfica para representar as sentenças que lhe foram ditadas.

Terceira característica: Representação gráfica de sinais próprios da língua de sinais, bem como a indicação gráfica de movimentos por meio do uso de flechas. A criança surda evolui do desenho esquemático para o registro espontâneo de sinais empregados na LIBRAS. Essa conduta se apresenta como a primeira forma de diferenciação entre desenho e escrita adotada pela criança surda. Se comparado ao processo de aquisição da escrita exibido por crianças ouvintes, conforme descrito por Luria, esse momento equivaleria à tentativa de registro do ritmo sonoro identificado nas palavras (traçados longos para o registro de palavras extensas e traçados curtos para o registro de palavras pequenas). Por meio dessa conduta, a criança surda procura registrar a configuração de mão, o ponto de articulação e o movimento empregados em sinais que lhe foram apresentados em LIBRAS. Somado ao registro gráfico do sinal, a criança surda se mostra desejosa de representar graficamente a direção do movimento. Assim, o emprego de flechas é adotado, por exemplo, para demonstrar o sentido da queda de um objeto.

Quarta característica: Emprego de numerais próprios do sistema numérico convencional para o registro de quantidades (essa conduta é fortemente influenciada pela ação do ensino) e pela diferenciação entre a representação gráfica do som e a do movimento. Essa distinção se apresenta como uma descoberta complexa no processo de desenvolvimento da escrita da criança surda. Tal conduta constitui-se em uma síntese espontânea das formas possíveis de representação escrita. Nesse momento percebe-se um comportamento próprio da lógica da criança surda, que é a diferenciação entre suas tentativas de representação do movimento (que não sofre a ação do ensino – já que a escola de surdos investigada ainda não ensina a escrita visual direta dos sinais, conhecida como sistema sign writing) e uma tentativa de aplicação de conhecimentos adquiridos na escola sobre o sistema alfabético de escrita. Os dados analisados permitem inferir que a criança surda usuária de LIBRAS, em fase de aquisição da escrita, vincula o sistema alfabético à oralidade e a representação pictográfica aos sinais de sua língua. Para a criança surda o sistema alfabético se relaciona à oralidade, e não à LIBRAS. Em obediência a tal raciocínio, a criança surda procura registrar pela escrita alfabética sentenças que lhe são oralmente apresentadas e emprega a escrita pictográfica para representação de sentenças que lhe são apresentadas em LIBRAS. O acesso ao sistema alfabético, possibilitado pelo ensino formal se mostra, em um momento inicial, insuficiente para levar a criança surda a abandonar a hipótese de que cada modalidade lingüística exige uma forma específica de representação escrita. Assim, a despeito do ingresso ao ensino fundamental a criança se mantém, por algum tempo, presa à hipótese por ela formulada. Hipótese essa que só será refutada mediante ensino adequado.



ADQUISICIÓN DE LA ESCRITURA EN NIÑOS SORDOS, DESDE LA EDUCACIÓN INFANTIL

DISCUSSÃO/CONCLUSÕES

O estudo permitiu verificar que a especificidade sensorial e lingüística de crianças surdas usuárias de língua de sinais determina um processo de aquisição da escrita também específico e singular. O caminho trilhado pela criança surda é marcado por características sensivelmente diferentes daquelas que definem o itinerário percorrido por crianças ouvintes usuárias de línguas orais.

As características da escrita da criança surda apreendidas nesse estudo parecem obedecer a uma lógica coerente do ponto de vista de pessoas que, desprovidas do sentido da audição, apreendem a vida, sobretudo, pela via visual. Ora, o som assegura para a criança ouvinte a materialidade da palavra, mas para a criança surda – usuária de línguas de sinais – é o movimento que assegura essa materialidade. A condição abstrata da palavra é superada pela criança ouvinte quando esta, pela percepção auditiva, apropria-se do significado presente na combinação de sons própria de cada palavra. A criança surda, por sua vez, superará a condição abstrata da palavra pela percepção visual, ao se apropriar do significado conferido pela combinação de movimentos que compõe cada sinal de sua língua gestual-visual.

Também na apropriação da escrita é possível afirmar que as crianças surdas e ouvintes evidenciam percurso intelectual de igual competência e percorrem um trajeto intelectual igualmente complexo, porém marcado por características específicas que o tornam sensivelmente diferentes para cada um dos dois casos. O aprendizado do sistema convencional de escrita não leva a criança surda a abandonar imediatamente suas hipóteses sobre a possibilidade de representar suas idéias pictograficamente. Ela prossegue acreditando em uma estreita relação entre língua de sinais e padrão icônico de representação escrita, bem como entre a língua oral e sistema alfabético convencional.

Os alunos que participaram desta pesquisa são usuários da LIBRAS e com exceção de um deles, os demais tiveram acesso tardio ao aprendizado dessa língua, que é para esse grupo a primeira e única língua conhecida e empregada. Entretanto, eles apresentaram estratégias competentes em escrita primitiva e leitura do material produzido, evidenciando que a criança surda usuária de língua de sinais se apropria da escrita a partir de um percurso que lhe é próprio. Ao se tornar usuária fluente da língua de sinais, a criança surda percebe que, em sua língua, significante e significado mantêm em diversos episódios, relação de semelhança. Um exemplo disso é a configuração do sinal de casa em LIBRAS, em que a mão direita e esquerda se unem pelas pontas dos dedos médios, compondo dois lados de um triângulo. Esse sinal remete o observador à imagem do telhado de uma casa. Seguindo o mesmo raciocínio adotado no estabelecimento de relações entre significante e significado em LIBRAS, a criança surda, de forma espontânea, em suas tentativas de escrita, passa a empregar o registro de movimentos que lhe permitem uma evocação imediata do objeto ou idéia simbolizada. Ela alcança níveis elevados de sofisticação em suas tentativas de escrita. Espontaneamente, em alguns episódios de escrita, ela deixa de representar o significado, e procura registrar a forma observável do significante, ou o que ela pode apreender visualmente no contato com o significante exibido em sua língua de sinais.

O acompanhamento dos alunos da pesquisa em manifestações escritas com intervalo de um ano e dois meses permitiu que o caráter pictográfico da escrita do surdo se revelasse como um atributo sólido na constituição dessa escrita. O acompanhamento das produções escritas dos alunos da pesquisa após o ingresso desses no ensino fundamental foi determinante para confirmar que o padrão pictográfico da escrita do surdo tende a perdurar mesmo após o início do ensino sistematizado da escrita e a partir das primeiras manifestações de aquisição da escrita alfabética.

Os dados dessa pesquisa apontam para um estabelecimento espontâneo, por parte da criança surda em processo inicial de aquisição da escrita, de uma relação entre sinais e representação icônica e entre fala e escrita alfabética. Esses dados sugerem que, para o surdo o registro gráfico dos movimentos próprios de sua língua gestual devem ser realizados por meio de símbolos icônicos, e não alfabéticos. Dessa maneira, a leitura dos sinais iconicamente registrados remeteria leitor surdo, usuário de



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES. CALIDAD DE VIDA Y SOCIEDAD ACTUAL

língua de sinais, ao estabelecimento de uma relação direta entre o material lido e o significado correspondente em sua língua gestual.

A constatação da maneira peculiar pela qual a criança surda atribui significado à escrita sugere a necessidade de se refletir sobre caminhos, não alternativos, mas complementares, que se apresentam para o seu ensino. Se a escrita é uma forma sofisticada de uso da língua que possibilita ao seu usuário o desenvolvimento de funções psíquicas que dificilmente seriam alcançadas por outra via, é coerente que se empreendam esforços para proporcionar ao surdo o aprendizado da escrita visual direta dos sinais (*sign writing*) como uma primeira língua escrita. Assim, da mesma forma como o surdo usuário de língua de sinais, se apóia em sua primeira língua para o aprendizado da língua majoritária de seu país, como segunda língua, o domínio de uma primeira língua escrita seria também, um facilitador para o aprendizado de uma segunda língua escrita.

A indicação do ensino da escrita visual direta dos sinais como primeira língua escrita do aluno surdo não desobriga a escola de surdos de envidar esforços para consolidar um ensino cada vez mais eficiente do sistema convencional de escrita. A comunidade surda brasileira está imersa em um mundo letrado em português escrito. O domínio dessa modalidade lingüística confere ao surdo brasileiro uma autonomia intelectual e social impossível de se alcançar por outra via (Karnopp, 2004).

Por outro lado, transpor uma língua de modalidade visual-espacial para um sistema de escrita de um língua alfabética, que não mantém nenhuma relação estrutural com a língua-base, é um fenômeno que desafia, simultaneamente, as possibilidades de realização dos indivíduos surdos e a compreensão de educadores e pesquisadores. Não obstante, é preciso que esforços sempre renovados sejam empreendidos, no sentido de encontrar estratégias capazes de iluminar os caminhos da aprendizagem da escrita convencional por indivíduos surdos, que precisam e querem consolidar uma condição real de pessoas social e intelectualmente emancipadas. Nesse sentido, tomar como ponto de partida para esse ensino conhecimentos de um sistema de escrita específico de representação da língua de sinais, se apresenta como uma estratégia que precisa ser utilizada.

Vale lembrar que, com referência à educação de indivíduos surdos, Vygotsky (1997) forneceu uma orientação bastante coerente e responsável ao sugerir a poliglossia, ou seja, a adoção de diferentes linguagens como estratégia para levar o surdo ao conhecimento. No atual momento da educação de alunos surdos, a escrita visual direta dos sinais se oferece como uma linguagem especialmente indicada para conduzi-los a um desejável desenvolvimento lingüístico, intelectual e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azenha, M. G. (1997). *Imagens e letras: Ferreiro e Luria duas teorias psicogenéticas*. São Paulo: Ática.
- Capovilla, F. C. & Raphael, W. D. (2001). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. São Paulo: Edusp.
- Costa, D. A. F. (2003). Lingüística e surdez: compreendendo a singularidade da produção escrita de sujeitos. *Revista de Psicopedagogia*, 20 (62), 94-106.
- Fernandes, S. (2003). *Educação bilíngüe para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. Tese de Doutorado não publicada, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Brasil.
- Freire, A. M. F. (1999). Aquisição do português como segunda língua: uma proposta de currículo para o Instituto Nacional de Educação de Surdos. Em C. Skliar (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos* (v. 2). Porto Alegre, Brasil: Mediação.
- Karnopp, L. B. (2004). Língua de sinais na educação dos surdos. Em A. S. THOMA & M. C. Lopes (Orgs.). *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Luria, A. R. (1998). Psicologia experimental e desenvolvimento infantil. Em L. S. Vygotsky,



ADQUISICIÓN DE LA ESCRITURA EN NIÑOS SORDOS, DESDE LA EDUCACIÓN INFANTIL

A. R. Luria & A. N. Leontiev (1998). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*.

B. São Paulo: Ícone.

Marcuschi, L. A. (2001). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

Sánchez, C. M. (1999). La lengua escrita: esse esquivo objeto de la pedagogia para sordos y oyentes.

Em C. Sckliar (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. (v. 2) Porto Alegre: Mediação, 1999.

Stumpf, M. R. (2003). Transcrições de língua de sinais brasileira em signwriting. Em A. C. B. Lodi, K.

M. P. Harrison, S. R. L. Campos & O. Teske (Orgs.). *Letramento e minorias*. Porto Alegre, Mediação.

Stumpf, M. R. (2004). Sistema signwriting: por uma escrita funcional para o surdo. Em A. S. Thoma

& M. C. Lopes (Orgs.) *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.

Vygotsky, L. S. (1997). *Obras escogidas V - Fundamentos de defectologia*. Madrid: Visor.

Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Fecha de recepción: 28 febrero 2009

Fecha de admisión: 19 marzo 2009